

## **TRANSFORMAÇÕES EM CULTURAS TRADICIONAIS: O PAPEL DA MANDIOCA EM UMA COMUNIDADE CAIÇARA DO LITORAL PAULISTA**

**Antonio Carlos Pries Devide<sup>1,4</sup>; Teresa Losada Valle<sup>2,5</sup>; Nilton Curi<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Pesquisador Científico APTA-Pólo Regional do Vale do Paraíba, Caixa Postal 007, 12400-280 Pindamonhangaba, SP; <sup>2</sup>Pesquisador Científico, APTA-Instituto Agrônômico (IAC), Caixa Postal 028, 13001-970 Campinas, SP; <sup>3</sup>Professor Adjunto do Departamento de Ciência do Solo - UFLA, Caixa Postal 3142, 37200-000 Lavras, MG; <sup>4</sup>Autor para contato: antoniodevide@apta regional.sp.gov.br; <sup>5</sup>com apoio financeiro da FAPESP.

### **INTRODUÇÃO**

A cultura caiçara surgiu na Mata Atlântica do litoral dos Estados do RJ, SP e PR, da miscigenação entre índios, negros e brancos. Desenvolveu hábitos e costumes próprios relacionados à pesca e agricultura, mas manteve quase inalterada a tradição indígena de ter a mandioca como alimento básico, quer nas técnicas de cultivo como na produção de farinha.

Até os anos setentas o litoral paulista foi pouco afetado pelas transformações sociais devido ao isolamento geográfico. A abertura da rodovia Rio-Santos e a comunicação entre o litoral e o planalto geraram um elevado contingente turístico, com novas perspectivas sociais, culturais e econômicas. Foi criado o Parque Estadual da Serra do Mar e promulgada a lei de proteção da Mata Atlântica repercutindo nas relações dos caiçaras com o ambiente natural. A parte mais afetada foi a agricultura. O caiçara derrubava a mata e queimava (coivara) para o plantio da mandioca. O cultivo se sucedia até a perda da fertilidade do solo, deixando em seguida a capoeira se regenerar (pousio), abrindo novas áreas de plantio. A produção itinerante era realizada em ilhas em meio à matriz florestal. Devido ao grau de resiliência da Mata Atlântica o manejo pode ser considerado de baixo impacto ambiental e auto-sustentável.

O objetivo desse trabalho foi avaliar o papel da mandioca junto a uma típica comunidade tradicional caiçara quer como instrumento de manutenção da cultura tradicional quer como elemento de inserção à nova composição social da região.

### **MATERIAL E MÉTODOS**

Foi estudada a comunidade caiçara do Sertão do Ubatumirim, cuja ocupação data do século XIX (SMA, 1998). Trata-se de um bairro rural de Ubatuba, Litoral Norte do Estado de São Paulo (Fig. 1), sendo o mais populoso dos sertões<sup>1</sup> locais. A caracterização física das unidades de paisagem foi feita em campo. A sub-bacia possui 6.990 ha, sendo 43% área de preservação permanente e destes, 21,95% com declividade superior a 45% (Ribeiro, 2003). O clima é o tropical chuvoso com chuvas o ano todo, segundo a classificação de Köppen (1948). A precipitação média anual é de 2.624 mm e as respectivas temperaturas médias máximas e mínimas de 24,7°C e 17,6°C. A umidade relativa do ar é de 87% (IAC, 2004).

---

<sup>1</sup> É “sertão” a planície litorânea interna que acompanha o litoral paulista. Os caiçaras fazem suas lavouras lá porque as águas não prejudicam muito (Schmidt, 1958).

As informações objetivas e subjetivas sobre a mandioca foram obtidas de três maneiras: a) de entrevistas semi-estruturadas com membros da comunidade que comercializam farinha de mandioca na feira municipal; b) do convívio cotidiano com a própria comunidade; e c) de dados quantitativos extraídos de um questionário detalhado, com vistas à identidade sócio-cultural, produção agrícola e relações com o meio ambiente.

Foram caracterizadas todas as 101 famílias residentes no ano de 2002, num total de 365 habitantes, destes 46% menores de 18 anos. Dados do arquivo municipal (2003-04) revelam que a população cresce 10% ao ano, sendo 74% dos habitantes originários do próprio Sertão. A informação circula por via oral e dos meios mecânicos, uma rádio de Ubatuba (20%) supera a televisão (12%).

Há fortes semelhanças com o manejo atual das roças dos caiçaras do Sertão do Ubatumirim e o praticado pelas culturas indígenas descritos pelo Padre Anchieta e Hans Staden, registrados por Schmidt (1958). Fundamentalmente, continua-se praticando a agricultura de coivara, porém ocorrendo conflitos com a fiscalização ambiental.

Atualmente, há 17 casas de produção de farinha em funcionamento e outras 10 desativadas. A retração na atividade é recente, devendo-se às restrições ambientais e

diminuição da mão-de-obra, visto que as novas gerações consideram o cultivo da mandioca e a produção de farinha como atividades muito trabalhosas. Essa diminuição é acompanhada pelo aparecimento de outras atividades oferecidas pela integração com a nova cultura do entorno. As casas de farinha desativadas podem ser um instrumento para o resgate das tradições culturais, pois compõem a infra-estrutura que facilita a retomada da produção de farinha pela comunidade.

A mandioca ainda desempenha vários papéis. A Festa da Mandioca é a única atividade cultural remanescente, sendo o principal meio de preservação da cultura caiçara local. A comercialização da farinha é o forte elemento de inserção da comunidade com o meio urbano, proporcionando a geração de renda em relações de mercado sem a perda da identidade cultural.

Outro importante papel exercido pela mandioca é associado à posse da terra, que em 45% dos casos é para subsistência, sendo a mandioca um dos instrumentos de ocupação. As áreas agrícolas situadas distantes da moradia, muitas vezes localizadas em áreas de preservação, são interpretadas como posse porque os caiçaras as têm como fator de trabalho.

Em Ubatuba, a evolução da mandioca é um processo que gera, mantém e amplifica a diversidade genética. Os agricultores cultivam um grande número de variedades com o objetivo de manter a segurança alimentar a curto, médio e longo prazo. Entretanto, as restrições ao manejo tradicional ocasionam o cultivo sucessivo, redução de produtividade e perda da diversidade biológica. Porém, os caiçaras têm demonstrado eficiência em selecionar variedades adaptadas à nova realidade.

Em relação aos hábitos de mamíferos silvestres associados à atividade agrícola, citaram diversas espécies de herbívoros freqüentando as lavouras de mandioca à procura de alimento [anta (*Tapirus terrestris*), veado (*Mazama* sp.), cutia (*Dasyprocta* sp.), cateto (*Tayassu tajacu*), paca (*Agouti paca*) e queixada (*Tayassu pecari*)]. A atividade dos animais pode atuar como pressão seletiva para as mudanças nos eventos vegetativos e reprodutivos das plantas, assim como a agricultura, alterando os padrões da vegetação e conseqüente atividade dos animais. O cateto é o animal silvestre mais comum, sendo domesticado em alguns casos. 70% dos entrevistados utilizam plantas medicinais cotidianamente.

Os povos nativos preservam e repassam informações de geração em geração por meios orais e empíricos do uso dessa biodiversidade. Seu conhecimento sobre solos, clima, vegetação, animais e ecossistemas geralmente resulta em estratégias produtivas de múltiplos ecossistemas com múltiplas espécies.

## CONCLUSÕES

a) A mandioca tornou-se instrumento de resgate da cultura tradicional e de inserção dos caiçaras nas culturas capitalistas do entorno, por meio da comercialização da farinha que proporciona a geração de trabalho e renda;

b) Apesar de ter diminuído de importância em função das transformações provocadas pelo contato dos valores caiçaras com as culturas capitalistas a mandioca continua sendo uma forte tradição na comunidade quer como alimento do cotidiano quer como segurança alimentar;

c) A erosão cultural, as restrições impostas pela legislação ambiental, a não adaptação a novos padrões de trabalho das novas gerações, podem induzir as comunidades caiçaras à perda de identidade e diminuição da segurança alimentar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEVIDE, A. C. P. **Sertão do Ubatumirim e o Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Mar**: Caracterização Socioambiental. Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG. 2004. 56p. (Monografia)

IAC - INSTITUTO AGRONÔMICO DE CAMPINAS - Estação Experimental de Ubatuba. 2004. Dados pluviométricos. 1p.

KÖPPEN, W. **Climatologia**. México: Fondo de Cultura Económica. 1948.

SCHIMIDT, C. B. **Lavoura Caiçara**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura / Serviço de Informação Agrícola, 1958. 79 p. (Documentário da Vida Rural, 14).

SECRETARIA DO ESTADO DO MEIO AMBIENTE. **Plano de gestão ambiental, fase 1, do Núcleo Picinguaba**. Por Oliveira, L. R. N. de; Barros, M. da R.; Maretti, C. C.; Raimundo, S... [et al]. São Paulo: SMA, 1998.